

thoreau, um andarilho | ana godoy*

Henry David Thoreau. *Caminhando*. São Paulo, José Olympio, 2006, 122 pp.

A primeira versão de *Walking*, ou o *Selvagem* foi escrita em 1851 e lida publicamente neste mesmo ano. Seguiram-se diversas reescritas e releituras, dando origem a dois textos, *Walking* e *Wild*. Entre os anos de 1851 e 1854, Thoreau reescreveu ambos os textos, acrescentando ou retirando trechos; em 1862, pouco antes de morrer, recombinau as duas palestras, das quais resultou o ensaio denominado *Walking*. É este ensaio que ora vem a ser lançado em português na tradução de Roberto Muggiati, sucedendo a obscura tradução lançada pela Best Seller.

A particularidade desta nova edição reside nos muitos equívocos por ela oferecidos ao leitor, a começar pela apresentação que, a pretexto de aproximar-nos do ensaio de Thoreau, confina-nos numa infundável e cansativa descrição do ato de caminhar. Aprisionado em meio às trilhas de Itaipava, Buda e o Caminho de Santiago, resta ao leitor inventar uma fuga, um percurso, que seria, como afirma Thoreau, como os rastros de um pássaro, ou o salto de um trapezista no ar. Fuga que, ao longo de seus muitos ensaios e infundáveis reescritas, Thoreau não cessou de inventar, abalando as certezas do pensamento domesticado, abrindo-se ao imprevisível, ao desconhecido, desconcertando aqueles que pretendem estabelecer seu pertencimento a um domínio.

* Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Thoreau, um andarilho

Que outra coisa seria um ensaio senão uma experimentação sem começo e nem fim, a composição de uma paisagem movente que se faz enquanto é percorrida? Que outra coisa seriam os percursos, senão as vizinhanças que inventamos, tanto mais potentes quanto inesperadas e surpreendentes?

Assim chegamos à primeira página de *Caminhando*.

Cada parágrafo — que a recente edição, em mais um equívoco, traz sem os espaçamentos originais — apresenta-se como uma pequena narrativa na qual Thoreau descreve uma personagem, o andarilho, e mais adiante, os diferentes horários do dia, o sol e o vento, um temperamento, as grandes estradas e as improváveis trilhas, as longas e pequenas caminhadas, as regiões estranhas e inabitadas, e aquelas em que impera a servilidade e o gosto da multidão. Engana-se o leitor que vê ali tão-somente a descrição de um estado de coisas, pois cada parágrafo configura pequenos territórios, paisagens construídas em torno de temas que vão e voltam e cujos elementos são constantemente re-arranjados, convidando-nos a abandonar “usos e hábitos enferrujados e antiquados” (p. 119), com os quais não paramos de criar os meios de mantermo-nos, junto ao pensamento, confinados. Usos e hábitos que transformam-nos em “andarilhos acovardados (...). [Pois] nossas expedições não passam de giros e regressamos à noitinha para o pé da velha lareira da qual nos apartáramos. Metade da jornada é para trilhar os caminhos já percorridos” (p. 68).

Que caminhos seriam estes? Talvez aqueles que nos levam “ao campo estreito da política” (p. 77), talvez sejam ainda aqueles da ecologia, da imensidão selvagem — a wilderness — com suas inúmeras florestas e animais a serem conservados, os caminhos do proprietário e do homem de bem, cuja gorda saúde deve ser

mantida a custa de permanecermos sempre prisioneiros do já dito, do já visto e sentido, ou ainda os caminhos já dados pelas leis que não cessamos de criar, pela razão necessária que nos induz a determinar pontos de chegada e de partida, aqueles pelos quais nos levam os guias impelindo-nos à retidão moral e dos sentidos. “Cada um de vocês cuidará bem disso” (p. 67), declara Thoreau, logo no primeiro parágrafo, alertando-nos quanto ao hábito que adquirimos de procurar reconhecer em qualquer lugar as marcas do já conhecido, do já sabido.

É deste modo que Thoreau distingue-se dos transcendentalistas norte-americanos, seus contemporâneos, mas é sobretudo deste modo que Thoreau distingue seus leitores. Aqueles cuja rebeldia há muito se separou da selvageria e seus percursos, confundindo-se com as trajetórias seguras da política e da moral, e aqueles para quem caminhar é tomar a paisagem como meio a ser explorado, experimentando outros funcionamentos com os elementos dados, uma paisagem que comporta, aquém e além do que é dado, um certo regime de intensidades, não determináveis; paisagens táteis, sonoras, auditivas e visuais que se fazem e desfazem nos percursos inventados na errância. Pois trata-se, como afirma Thoreau no início de *Caminhando*, de “dizer uma palavra em favor da natureza, da liberdade e da selvageria; uma palavra que não se reduza às acusações e queixas de uma época, aos lamentos chorosos dos impotentes para quem o “mundo termina aqui, no leste implacável no qual vivem de compreender a história e refazer os passos da raça” (p. 84); uma palavra que exprima o furor, a selvageria, que nenhuma civilização poderia suportar, uma palavra que somente aqueles que se lançam à errância não cessam de inventar.

Thoreau, um andarilho

Seguimos caminhando, saltando de um parágrafo a outro, agora mais atentos aos pequenos e insidiosos confinamentos no corpo e no pensamento que nos impedem de escutar “o galo cantar em cada quintal de nosso horizonte” (p. 119), que nos mantêm satisfeitos no aconchego dos cercados por nós construídos e multiplicados, uma dentre as tantas “armadilhas humanas e outros engenhos inventados para confinar os homens à estrada pública” (p. 82).

Caminhamos, mas mais incertos quanto às paisagens que percorremos e quanto aos percursos que extraímos de cada paisagem. Uma vila, um bosque uma pedra, um crepúsculo arrastam-nos e a Thoreau em direção a paisagens não localizáveis; deixam de ser referências fixadas pelos discursos, sejam eles o de um certo anarquismo romântico ou os da ecologia, ou aqueles salpicados de espiritualismo, mediadores das relações entre pessoas e coisas, para apresentarem-se como pontos de cruzamento, em relação aos quais os percursos não são dedutíveis.

Caminhando, inventam-se passagens, saltos que damos de uma coisa a outra, desfazendo o contorno que limitaria as caminhadas e não seria um círculo, senão “uma parábola, ou uma daquelas órbitas de cometa que foram tidas como curvas sem retorno” (p. 83). Caminhando, tornamo-nos salteadores de fronteiras; nessa errância, os territórios existentes se desfazem; experimentamos, caminhando, a urgência vital da invenção em relação à qual natureza, liberdade e selvageria permanecem intimamente implicados com a experiência da existência. Longe de pedir por portos seguros ou ancoragens, ela exige abandono e partida, o incessante caminhar como experimentação de si e do pensamento, pois o mais selvagem permanece aquém ou além de toda convenção, de todo conformismo cujas coerções seriam apenas outros meios de desbravamento, domesticação e confinamento.

São estes os percursos de um andarilho, que para o pensamento, segundo Thoreau, andando menos “pode ser o mais errante de todos” (p. 68), sempre segundo as inquietações que lhe sobrevêm, deslocando-se e perseguindo um a mais de vida diante da pequenez das alternativas oferecidas e da vulgaridade do senso comum, empenhado em reduzir a vida ao regime contábil da propriedade e da dívida.

Em *Caminhando*, Thoreau incita-nos a inventar um modo de pensar, um modo de habitar, inseparável de uma política, modos potentes o bastante para derrubar as cercas, para abrir os territórios para outras forças, arrastando-nos na direção de um outro de nós mesmos e do pensamento, de um sans terre, de alguém sem terra ou moradia, mas capaz de sentir-se igualmente em casa em qualquer local. Eis aí, para Thoreau, “o segredo de vagar com sucesso” (p. 68).

Prossiga a leitura, salte por sobre os equívocos da tradução, esqueça-se da apresentação. Ali tudo é aborrecido e fatigante, como só o são os conformados: para esses, caminhar é para bípedes, aqueles a quem só restou pôr um pé na frente do outro como parte de igualmente aborrecidos e enfadonhos slogans de bem viver.